

A criação literária e a resiliência

Priscila de Souza Oliveira*

Sabe-se que a estrutura do sujeito consciente é constituída pelo intelecto e pela fantasia. O intelecto é a faculdade de percepção do mundo e a fantasia é a faculdade reprodutora da memória. Acredita-se que a literatura estimula a estrutura do sujeito consciente à medida que esse receptor, ao ler o código escrito, desvela uma nova realidade, recriando-a, ao deslocá-la da obra, ou seja, do código para a fantasia.

A predisposição para esse exercício de leitura da obra de arte literária exige do leitor uma revisão de sua ótica, assim como de sua ética e de sua estética. É dessa maneira que a ação de emocionar-se e experimentar outras realidades provoca nesse indivíduo o aumento de sua resiliência, que consiste na capacidade de resposta às dificuldades ou o processo de persistência frente à adversidade.

O termo resiliência, originário da engenharia, significa a capacidade de resistência às vibrações sísmicas e, por consequência da técnica, ao fogo. O vocábulo foi alocado para a área educacional e psicológica, designando a capacidade de resposta às dificuldades ou o processo de persistência frente à adversidade. Nesse sentido, a resiliência é a capacidade de lidar com a conjuntura, transformando o impedimento em desafio, o que propicia o crescimento e o desenvolvimento humanos.

Todos os sujeitos necessitam de treinamento de sua capacidade de responder e solucionar problemas e os menos resilientes requerem cuidados redobrados por haver grandes possibilidades de confabularem situações não reais: o medo e o orgulho de admitir sua dificuldade os torna emocionalmente debilitados e, por essa razão, ocorre a fuga das responsabilidades e eles se convencem de que não há qualquer problema, não o solucionando.

* Mestranda em Letras/PUCRS.

Entende-se, assim, a literatura, como fonte para o exercício do imaginário, matéria-prima para o amadurecimento da resiliência da criança, do adolescente e do adulto, por ser um meio de humanização e de desenvolvimento emocional, social e lingüístico.

Para estabelecer essa relação, devem ser recuperados os conceitos relativos à ótica, à ética e à estética, pois eles concorrem para a mobilização da capacidade de resiliência do leitor, com foco especial no contexto escolar.

É senso comum que a ótica é a perspectiva sobre os objetos, é o modo de ver, julgar e sentir do sujeito leitor. Tal perspectiva leva o indivíduo à tomada de consciência das coisas, permitindo-lhe captar, perceber, experimentar e conhecer o objeto, isto é, a ótica é o que instaura a relação de conhecimento de si e/ou do mundo.

A ética é o estudo da apreciação humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativa ou absolutamente determinada. Através da investigação qualificativa, o leitor realiza apreciação, análise, julgamento e reconhecimento do objeto: de si e/ou do mundo.

A estética é o estudo das condições e dos efeitos da criação artística; é o estudo racional do que é belo, dos seus aspectos de conceituação e das emoções suscitadas por tal beleza. Essa investigação é o que permite revelar a emoção de maneira a enumerar, tornando conscientes, as emoções, o que propicia a conceituação do objeto. A conceituação do objeto em questão – seja ele qual for – se dá por meio da linguagem. De acordo com Quadros, “há dois comportamentos fundamentais da linguagem: um que poderia ser denominado de lógico-discursivo e outro que poderia ser chamado de poético-intuitivo” (p. 91).

A linguagem lógico-discursiva é aquela que tem por finalidade o “entendimento”, enquanto a poético-intuitiva é aquela que tem por finalidade a “expressão” e possibilita a “multiplicidade significativa”.

A literatura, exemplo de criação artística, por dar conta da totalidade do real ao representar o particular e ao alcançar significados mais amplos, dá à linguagem verbal maior relevância. Nesse exemplo de arte, a linguagem toma formas singulares de expressão do pensamento humano, de maneira a serem expressadas através da polissemia literária, do exercício de plena liberdade para o leitor em que este reconstrói o texto, ressignificando-o e ultrapassando seus próprios limites reais e terrenos.

De acordo com Horácio, “os poetas querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo, tratar de assunto belo e adaptado à vida” (Aguilar e Silva, 1976, p. 82). Karl Philip Moritz afirma que “a

obra de arte é um microcosmo, um todo orgânico, completo e perfeito em si mesmo e que é precisamente belo porque não tem necessidade de ser útil” (Aguilar e Silva, 1976, p. 83). Tais sentenças se complementam: o criador sente a necessidade expressiva e revela a “ótica” pessoal e coletiva (às vezes mascarada por um personagem) e, através dela, denuncia uma “ética” que implica a apreciação “estética” do objeto em questão.

Para Antonio Banfi, estudioso da estética kantiana, “a finalidade estética [...] consiste em que a forma representativa do objeto [...] põe em movimento [...] as duas faculdades que constituem a estrutura do sujeito consciente (o intelecto e a fantasia)” (Aguilar e Silva, 1976, p. 84).

O “intelecto” é a faculdade de percepção do mundo, é a faculdade de aprender, apreender e compreender o mundo. A “imaginação” ou “fantasia” é a faculdade reprodutora da memória, é o repositório de imagens, representações e interpretações daquilo que pode ser apreendido perceptualmente. Posto isso, compreende-se que a literatura estimula o intelecto e a imaginação: o intelecto capta a obra de arte literária, possibilitando ao receptor, por meio de seus sentidos perceptuais, conhecê-la; enquanto a imaginação a recria, a partir da memória e da capacidade simbólica do sujeito.

Esse potencial contido na obra de arte literária contribui para a formação do sujeito, de sua identidade e de sua autonomia, ou seja, influencia sua ótica, sua ética e sua estética em função do exercício de leitura do texto, da leitura de outro mundo e de outros sujeitos.

A capacidade de emocionar a si mesmo e a outro promove a relação que permite que se pense na essencialidade humana, seu cerne, sua substância elementar. É nesse sentido que se propõe a literatura como possibilidade de aumento da resiliência.

Através da leitura ou recepção da literatura se pode acessar a cultura de uma população, sendo esta um “conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como os artefatos, objetos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos” (Thompson, 1995, p. 171). A literatura é organizadora do caos e, por ter um discurso descompromissado com o real imediato, permite que se entremeie com o imaginário, sua matéria-prima.

O imaginário tende a ser mal visto num universo obcecado pela objetividade, opressora do sonho e da fantasia, contudo o ser humano tem um limite à repressão ou controle do desejo, do medo e da violência. A literatura, como o ritual, a religiosidade e o misticismo abarcam o maravilhoso, o mistério e a obscuridade da vida, dando vazão ao imaginário e, viabilizando a lida com emoções e sentimentos de forma a harmonizar o equilíbrio mental e a capacidade resiliente do sujeito.

Estudos psicanalíticos e psicológicos da infância revelam que a "imaginação da criança é violenta, ansiosa, destrutiva e até mesmo sádica", contrariando o preconceito ingênuo do ser infantil sem maldade e avesso às dificuldades mundanas. A forma como cada sujeito lida com as adversidades, sejam elas internas ou externas a ele, denunciam se há maior ou menor resiliência, e, aqueles que se apresentam pouco resilientes, freqüentemente, apresentam funções cognitivas alteradas na atenção, na concentração, na psicomotricidade fina e na constância comportamental (Bettelheim, 2001, p. 151).

No período de passagem da infância para a adolescência se dá o desligamento do adolescente em relação aos pais, até então, fonte de sustento físico e psicológico. O mundo se amplia na fase em que o indivíduo percebe ou se permite notar as limitações paternas, ou seja, há fortes motivos para se buscar satisfação em outro grupo, o de iguais. Nessa etapa, os fracassos parecem ser maiores do que os êxitos alcançados e se torna flagrante o processo de fragilização vivido por ele, tornando-o alvo fácil de suas possíveis escolhas destrutivas, especialmente na adolescência.

As condições socioeconômicas e familiares auxiliam a estruturar a identidade pessoal e contribuem para a formação da capacidade e do condicionamento resiliente dos sujeitos. As instituições educacionais como a família e a escola têm a condição para interferir no processo de maturação biopsicomotor dos educandos, especialmente a escola, por ser dotada de recursos humanos voltados para o desenvolvimento global da criança e do adolescente.

Crianças e adolescentes com desenvolvimento saudável têm estimulados corpo e mente, em um processo de integração dos aspectos motor, social, emocional e intelectual. Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, afirma que a tarefa mais difícil de todos os tempos é ajudar a criança a encontrar significado na vida. Para isso necessita de uma vida rica em fantasia. O estudioso critica a seleção de livros realizada por muitas instituições de ensino, pois "a pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento" (2001, p. 13).

Além disso, aponta os aspectos que podem estimular a imaginação da criança:

[...] desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para

os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (p. 13).

O início do desenvolvimento da imaginação ou da fantasia principia com o afeto e, pode-se afirmar, que é durante a gestação que o primeiro vínculo afetivo se estabelece através da linguagem. Aqui, interessa o aspecto da narratividade da linguagem, ao qual a criança é exposta ainda no útero materno. A oralidade materna estimula o desenvolvimento afetivo da criança em gestação. Nesse período, a narratividade proporciona ao sujeito receptor fortalecer sua relação com o mundo externo, viabilizando a instauração da relação de confiança com o mundo desconhecido.

A estrutura do conto de fadas, por exemplo, se assemelha à compreensão da criança: resume-se em poucos personagens que se caracterizam de maneira polarizada e não ambivalente; a maldade e a crueldade estão em pé de igualdade com a bondade e a generosidade, reinstalando-se a harmonia positiva apenas no final do conto; e, além do mais, a situação estabelecida nesse gênero intimida a propensão criminosa do receptor, posto que a moralidade permeia a obra de arte.

A estrutura e a problemática do conto de fadas auxiliam a criança a lidar com os conflitos internos originados nos impulsos primitivos e emoções violentas. Bettelheim recorda que "o conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança [...] a abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente" (p. 19).

Dessa forma, a fantasia e a imaginação possibilitadas pela literatura impedem o esvaziamento da vida interna infantil e enformam modelos a serem seguidos, sendo que o modelo reforçado positivamente é sempre um modelo pertencente à polaridade do bem.

O conto de fadas é especialmente organizador do caos infantil e a fantasia, a recuperação, o escape e o consolo são partes indispensáveis para o receptor perceber que a harmonia inicialmente rompida, é seguida pela solução de problemas, restabelecendo-se, assim, a harmonia e eliminando o mal.

A escola, aliada à literatura, pode se constituir em elemento de resistência, fortalecendo e confortando crianças e adolescentes de maneira a contribuir na organização de sua cognição, nos processos de representação mental sobre a cultura – sistema que dota o sujeito de pré-julgamentos sobre crenças, costumes, idéias e valores presentes na história desse mesmo indivíduo (Thompson, 1995, p. 34).

A literatura colabora para a tessitura da rede de significados individuais e coletivos, considerando as diferenças, mapeando as condições pessoais, valorizando as compreensões intuitivas, legitimando as diversas formas de conhecimento manifestadas e avaliando pela representação (falada, escrita ou mimética) dos comportamentos e atitudes.

A narrativa também reforça a idéia de integralidade: a história tem início, meio e fim e, nos contos de fadas, há um código predeterminado que mobiliza e solidifica a trama, reforçando o tempo da história. O receptor, ao entrar em contato com um tema conciso, tramado de forma a problematizar e revelar a solução e o desenlace do problema, tem intensificada a sua resiliência latente, bem como sua maturidade emocional.

Bettelheim chama a atenção para a relação que pais e profissionais da educação têm com as informações sobre psicologia infantil: elas "ajudam o *adulto*¹ a compreender a criança dentro de um esquema adulto de referência" (Bettelheim, 2001, p. 150). Na literatura, a moralidade existente é apreendida pelo receptor de acordo com sua maturidade neural e emocional e essa aquisição será evidenciada quando a criança tiver condições de externalizá-la.

A criança estabelece uma ligação complexa com o tempo: sua idéia de temporalidade, em função da pouca vivência que tem, está associada ao tempo passado e presente, no entanto, o futuro é algo difícil de ser compreendido por ela e a literatura possibilita que ela perceba a noção de temporalidade anterior, presente e futura. Tal noção instiga a criança a se independizar e, para isso, planejar o tempo futuro: seus desejos passam a ser externalizados por causa da intencionalidade de cumprir determinados objetivos.

A idéia de tempo futuro é fundamental para que o sujeito se desenvolva satisfatoriamente, e, quando ele é dado a conhecer essa noção ou quando ela é preenchida de significado, o sujeito estará caminhando para se tornar resiliente e preparado para o conflito.

De acordo com Chevalier, o conflito significa:

[...] resultado de tensões contrárias, internas ou externas, que podem atingir uma intensidade crítica, [...] simboliza a possibilidade da passagem de um contrário a outro, da inversão de tendência, para o bem ou para o mal: independência-servidão, dor-alegria, saúde-doença, guerra-paz, preconceitos-sabedoria, vingança-perdão, divisão-reconciliação, depressão-entusiasmo, culpabilidade-inocência etc.

A encruzilhada é a imagem do conflito – este, um símbolo da realidade, ao mesmo tempo, da estabilidade moral devida às circunstâncias ou à pessoa, bem como da incoerência psíquica, individual ou coletiva (2000, p. 272).

O sujeito estará resistente às adversidades e saberá, de antemão, que estará exercitando seu livre-arbítrio em função de sua herança cultural associada aos seus desejos e planos em busca da estabilidade e da re-harmonização, que recordará como semelhante aos contos de fadas.

A literatura transporta o conjunto de crenças, costumes, idéias e valores que, ao se revelar ou se publicar, permite a avaliação do receptor, afirmando-se como instituição democrática e viabilizadora do amadurecimento emocional, social e lingüístico do indivíduo leitor.

O adulto, como a criança, também precisa revivificar o significado da vida e, igualmente, ser capaz de apreciá-la. Ele necessita, a fim de manter sua harmonia mental, desenvolver o intelecto e tornar claras suas emoções, harmonizar suas ansiedades e aspirações, reconhecer suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas de maneira a resolvê-los.

Teoricamente, o adulto suportaria mais e melhor o mundo caótico e minado de sujeitos, ambientes e detalhes diversos (divergentes e convergentes), no entanto, ele se deflagra com a mesma necessidade da criança que, na literatura, se percebe pela procura de histórias que reinstalem a harmonia positiva como nos contos de fadas: são as histórias de final feliz.

As histórias são classificadas por Umberto Eco, em *O super-homem de massa* (1991), de acordo com as duas interpretações que se pode ter do modelo aristotélico, sendo que uma delas se refere às histórias de final feliz ou romance popular. De acordo com a primeira interpretação, "a catarse desata o nó da trama mas não concilia o espectador consigo: ao contrário, o fim da história propõe-lhe um problema. A trama, e com ela o herói, são problemáticos: terminado o livro fica o leitor diante de uma série de interrogações sem resposta" (p. 22); e na segunda interpretação, "a trama, resolvendo os nós, consola-se e consola-nos. Tudo acaba exatamente como se desejava que acabasse" (p. 23).

Eco recorda que Aristóteles deixava livre a escolha: "conhecidas as expectativas, resta decidir se provocá-las ou abrandá-las. O romance 'popular' [...] é popular porque toma a segunda decisão e portanto, mesmo quando o romance 'democrático' e 'populista', é sempre e antes de tudo 'popular' porque 'demagógico'" (p. 23).

¹ O itálico foi utilizado para evidenciar que no adulto está a criança, embora o oposto não ocorra.

De acordo com Mallarmé, "há na palavra algo de sagrado que nos impede de fazer dela um jogo de azar e manejar com engenho uma língua significa exercer uma espécie de magia evocadora" (Friedrich, 1978, p. 52). Assim, a literatura, por reunir as linguagens poético-intuitiva e lógico-discursiva, tem a potencialidade dessa magia evocadora que, ao nomear e estender uma realidade de forma artística, organiza o caos e auxilia no processo de reflexão e organização desse caos de cada receptor.

Essa expressão artística reforça no adulto a noção de temporalidade anterior, presente e futura, o consolando e instigando ao direcionamento de planejar a si e a seu tempo a fim de solucionar seus conflitos e harmonizar sua coerência psíquica, individual ou coletiva.

Sabe-se que há uma continuidade entre a brincadeira infantil, a fantasia e a criação literária e artística, o que leva a pensar que também há uma correlação dessa brincadeira infantil, da fantasia e da criação literária com a fruição da leitura da obra de arte literária. O adulto, assim, pode ter a literatura como aliada para manter a atividade jovial de estar no mundo: de uma forma conseqüente, madura e, ao mesmo tempo, aberta a novas experiências.

A leitura da obra de arte literária se dá pela predisposição do indivíduo de integrar-se a uma determinada história que ocupará sua ótica, sua ética, e, finalmente, sua estética. A fruição desse objeto estético interdita a busca imediatista pelo final da história e instaura a intimidade do leitor com o desconhecido (a criação literária), aumentando sua capacidade de adequação e flexibilidade, isto é, sua resiliência.

Oscar Wilde registrou que "a estética é superior a ética [...], que o sentimento da cor é mais importante para o desenvolvimento do indivíduo do que o sentimento do certo e do errado". De acordo com Wilde, a estética, revelando as emoções e nomeando-as, dá liberdade de desenvolvimento ao indivíduo e Aguiar e Silva complementa, dizendo que a estética "é a porta aberta para, em nome da arte, justificar a perversão e os desvios do sentimento", sem causar danos a si próprio e a outros (1976, p. 93).

Dessa forma, observa-se a relevância que o papel da escola tem na formação de leitores da obra literária. No Brasil, torna-se mais importante na medida em que se considera o grau de desigualdade social que há no país. A comunidade escolar (gestores, professores, funcionários, alunos e seus familiares) tem condições e recursos humanos para auxiliar na libertação das amarras da reprodução social, para que as diferenças de entendimento do texto sejam diminuídas na produção e recepção textuais.

A escola tem como tarefa maior "ensinar a ler": auxiliar o aluno a ser independente, autônomo, instrumentalizando-o com a prática da língua em todas as suas esferas, quais sejam: fonética, pragmática, sintática e semântica. Para isso, a escola necessita fazer o aluno submergir no mundo literário. Além disso, a escolha dos textos deve ser norteada pelos interesses dos alunos, mas não obstaculizados por eles. Esses aspectos servem para que este aluno seja capaz de estar no mundo e atuar sobre ele ativamente e de maneira relevante.

O ensino da literatura, muitas vezes, é confundido com o ensino de outras disciplinas que não têm como matéria-prima o imaginário. A literatura propriamente dita tem ficado em segundo plano, ou seja, adotam-se livros "didáticos", descartando-se a leitura das obras literárias. O problema desse tipo de ensino é que ele perde sua principal função, que é justamente estimular o imaginário para que os futuros cidadãos sejam pessoas criativas, independentes e autônomas.

É o esvaziamento do ensino da literatura (através de recortes de textos ou da elaboração e utilização inadequada de resumos de histórias) que revela a necessidade da opção por uma metodologia de abordagem textual. O ensino de literatura, portanto, deve fazer parte de um projeto educacional.

Entende-se por "educação o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua melhor integração individual e social" (Ferreira, 1986, p. 619). Por conseguinte, a criança que for alcançada pela educação e pela literatura e se permitir ser incluída nesse processo poderá se tornar resiliente e se manterá distante de desvios de comportamento.

A instituição escolar tem condições de formar olhares críticos e éticos, conscientes de sua cultura e, ao mesmo tempo, transgressores de sua constituição cultural, ou seja, comunicadores efetivos e pluralistas. Cabe a seus agentes serem capazes de conceber a literatura como possibilidade de estruturação do sujeito, que, através da sua ação participativa e crítica, poderá inserir-se na realidade através da ação propagadora de sua cultura revisada.

Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- ECO, Umberto. *O super-homem de massa: retórica e ideologia no romance popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- QUADROS, Odone José de. *Estética da vida, da arte, da natureza*. Porto Alegre: Acadêmica, 1981.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.